

IDENTIDADES E SUAS ARTICULAÇÕES: DESCONSTRUINDO IDENTIDADES ESTIGMATIZANTES EM UM CONTEXTO INTERACIONAL

Identities and their joints: deconstructing stigmatizing identities in an interactional context

Lívia Miranda de Oliveira¹

RESUMO: Neste trabalho, num primeiro momento, verso sobre a identidade na contemporaneidade, para, em seguida, trazer à cena a articulação entre identidade e estigma, um atributo tornado cada vez mais relevante nas construções identitárias da pós-modernidade, sobretudo em contextos interacionais em que os participantes apresentam alguma patologia, como é o caso dos dados utilizados neste artigo. Por fim, com o intuito de ilustrar a desconstrução de identidades estigmatizantes em interações face a face, apresento e analiso o trecho de uma conversa que envolve uma pessoa com afasia.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; pós-modernidade; estigma; afasia

ABSTRACT: Firstly, this paper presents the concept of identity in the postmodernity and then the relationship between identity and stigma which is considered as a relevant attribute in the construction of identity, mainly when interactions involving people with some kind of pathology are considered. Finally, the stigmatizing identity deconstruction is analysed in face to face interactions involving one person with aphasia.

KEY-WORDS: identity; postmodernity; stigma; aphasia

1. Introdução

¹ Bolsista de doutorado do CNPq, fonoaudióloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); e-mail: liviamirandaoliveira@yahoo.com.br

Ao voltarmos nosso olhar para o fenômeno da identidade, torna-se extremamente relevante fazer intervir questões acerca do contexto histórico, social, cultural e político em que tal objeto de estudo está sendo construído. Essa proposta se fundamenta no fato de que as mudanças na história de uma sociedade trazem consigo (ou acabam por ocasionar) mudanças nas formas de pensar, sentir e agir das pessoas. Isso pode ser ratificado pela concepção “interativa” da identidade e do eu de Mead, Cooley e os interacionistas simbólicos, uma vez que, de acordo com essa concepção, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, onde o eu é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Nos dias de hoje, portanto, isso significaria pensar identidade à luz da globalização, fruto da pós-modernidade em que vivemos e que tem efeito sobre a vida cotidiana.

Entender as identidades a partir do enquadre da globalização, então, deveria ser o ponto de partida daqueles que se enveredam pelos estudos das construções identitárias; porém, devemos ter em conta que além dessa realidade macro (os contextos social, histórico, cultural e político) existe uma realidade de ordem micro que não cabe ser negligenciada. Estou me referindo aqui à interação, ao cenário interacional no qual identidades são projetadas, assumidas, sustentadas, ratificadas ou recusadas. Nessa interface da macro com a micro, este artigo convida o leitor a conhecer melhor as problematizações em voga na contemporaneidade na qual estamos imersos para, então, compreender a desconstrução social de identidades estigmatizantes em um contexto interacional em que os participantes da interação apresentam uma patologia (a afasia), portanto, um estigma social.

Diante de tais considerações, eu definiria identidade como um complexo e engendrado fenômeno sociocultural a ser construído intersubjetivamente no “aqui e agora” das interações sociais. Partindo dessa perspectiva, se quisermos analisar a identidade, precisamos voltar nosso olhar para as interações, pois são nelas que se encontram as ferramentas das quais os indivíduos fazem uso a fim de se apresentarem e de projetarem o outro. No cenário interacional, ao se envolverem em práticas discursivas, os atores sociais constroem identidades conjuntamente de modo tão dinâmico quanto o próprio curso da interação. Diversos recursos se encontram à disposição dos interactantes, de modo a fomentar tal construção, que recorrem a eles mesmos para se posicionarem e posicionarem o outro. Dessa forma, identidade está longe de ser entendida como algo determinado *a priori*, uma estrutura estável localizada primeiramente na psique individual ou em categorias sociais fixas.

Uma definição relativamente simples sugere que identidade é uma combinação de papéis, valores e crenças que são adquiridos e mantidos por meio da interação social. De acordo com essa definição, as pessoas projetam identidades nas interações sociais ao falar e agir de certos modos que são, subsequentemente, reconhecidos, corretamente ou incorretamente. A identidade projetada é, então, confirmada ou rejeitada pelos outros sociais por meio de sinais verbais e não-verbais. Projeções de identidade estão sempre sujeitas ao reconhecimento social, à avaliação e à confirmação. Em uma sociedade em que se valoriza a independência, mensura a identidade em termos de contribuição e rejeita doença e deficiência, uma pessoa com estigma, na maioria das vezes, sente-se marginalizada, não se adaptando ao ambiente social. Baseadas nas respostas sociais, as identidades podem ser alteradas/desconstruídas. Assim, a negociação da identidade é contínua e sua natureza, intrinsecamente baseada na interação, a torna dialógica. O termo ‘dialógica’ resgata o caráter recíproco do processo.

2. Identidade vs. Contemporaneidade

Zygmunt Bauman, importante figura da sociologia, que em seus estudos sempre busca, acima de tudo, tratar das conexões entre o objeto de investigação e outras manifestações da vida na sociedade humana, vê a globalização como uma “grande transformação” que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro. Por essa consideração, se temos a pretensão de estudar identidades, precisamos ir mais fundo no entendimento das repercussões dos desdobramentos da globalização, bem como no entendimento dos conceitos (expressões) que emergem no contexto contemporâneo.

Bauman introduz um novo conceito no campo da sociologia – “modernidade líquida” –, cujo entendimento nos permitirá compreender de forma bem mais clara as identidades construídas no contexto social atual. Podemos começar a entender esse conceito agregando ao termo ‘líquido’ o atributo da inconstância. Por conseguinte, podemos considerar uma realidade líquida como uma realidade inconstante, em que as diversas relações estabelecidas entre as pessoas demonstram a presença da insegurança e da flexibilidade/fragilidade. O líquido sempre toma a forma do ambiente que o abriga, sendo sua forma, portanto, ao contrário de fixa, flexível, logo, transitória. Assim também é possível compreender a realidade que nos cerca e, conseqüentemente, as relações

que construímos nessa realidade e, enfim, os fenômenos sociais (cabe aqui destacar a identidade) que essa realidade abarca.

Bauman (2004) retrata nossa realidade atual no seguinte trecho do *best-seller* *Identidade*: “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal-coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (p.18). E nessa realidade, segundo o autor:

as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (p.18)

O autor considera a identidade como algo a ser construído a partir do zero, porém de condição inconclusa, frágil e provisória. Segundo ele, a ideia de identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço desencadeado por essa crise no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e recriar a realidade à semelhança da ideia. Trata-se aqui de “identidade nacional”, uma demanda do Estado moderno para tornar a identificação obrigatória a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania territorial, mas Bauman (2004, p.17) destaca:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Nós, habitantes do líquido mundo moderno das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, como dizia Bauman, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento, com isso, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, não funcionam nesse contexto.

Stuart Hall, um dos mais célebres pensadores britânicos contemporâneos, complementa a visão de Bauman, fazendo uma radiografia dos processos culturais, tendo como pano de fundo as mudanças societárias impostas pelo processo de globalização e a chamada cultura pós-moderna.

Para o autor, as discussões da teoria social a esse respeito trazem o argumento de que as velhas identidades, que costumavam estabilizar o mundo social, estão dando lugar a novas identidades, e o indivíduo, que antes era visto como unificado, torna-se fragmentado. Hall (1999 [1992], p. 01) recorre a outro conceito que também será muito abordado nos estudos afins – “crise de identidade” – para retratar a realidade em que vivemos, destacando que tal crise “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Desse modo, Hall assume a posição de que as identidades na modernidade tardia estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas, devido às mudanças estruturais da sociedade moderna do final do século XX.

Enfim, o sujeito antes visto como unificado e estável, composto de uma única identidade (podemos considerar aqui a identidade nacional), de acordo com os modelos tradicionais de identidade em Ciências Sociais, agora está sendo concebido como fragmentado, composto por várias identidades, e estas, conseqüentemente, perdem a natureza fixa, estável ou permanente, tornando-se uma “celebração móvel”, como considera Hall. De acordo com o autor, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (1999 [1992], p.13).

A referida multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades, por sua vez, é fruto de um mundo globalizado em que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. Os muros entre as nações são colocados ao chão, o neoliberalismo toma a cena e a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, contribui para os efeitos do “supermercado cultural”. Essa concepção se fundamenta na seguinte definição do conceito de globalização:

Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mas interconectado (Hall, 2001, p. 67).

Antes de começar o que alguns estudiosos identificam como a primeira fase da globalização, as barreiras físicas entre os continentes (grandes extensões de terra e de água) eram consideradas intransponíveis para a comunicação entre os povos, além de constituírem, naquela

época, um empecilho para o intercâmbio cultural. A interação entre os povos começou por volta de 1450, quando teve início o período da globalização que trouxe consigo a internacionalização do comércio e a aproximação de culturas, mas foi apenas a partir do século XX que a globalização ganhou uma nova dimensão, impulsionada pela informatização.

Como não poderia ser diferente, uma vez que não olhamos para um fenômeno isolado de seu contexto social (i.e. contexto macro), as identidades ganham livre curso e ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa é algo cada vez mais malvisto; afinal, liberdade é o que se preza: liberdade para transitar, mudar, pensar, sentir, agir, se projetar diferentemente em contextos (situações) distintos. Como bem coloca Hall (1999 [1992], p. 25), “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas”. Portanto, parece não haver nada que não possa ser desconstruído facilmente, já que nada é sólido, logo, tudo é efêmero/fugaz. As estruturas e instituições sociais estão se “liquefazendo”; trata-se da fase fluida da modernidade.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem de uma das principais fontes de identidade cultural, e a nação, por sua vez, não é apenas uma entidade política, e sim algo que produz sentidos. Cabe aqui retomar Hall em seus questionamentos – o que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização? -, cujas respostas nos possibilitam esboçar, de forma clara, uma articulação do fenômeno social da identidade com a contemporaneidade. Então, comecemos por revelar as influências da cultura nacional, por intermédio das palavras de Hall (1999 [1992]):

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (p.49-50)

As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (p.51)

Se o que está em jogo é uma “cultura global”, torna-se relevante salientar que a globalização implica um distanciamento da ideia sociológica clássica de sociedade como um sistema bem delimitado, e o que passa a vigorar é uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. Segundo Hall (1999 [1992], p. 68), “essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais”. O autor examina três possíveis consequências sobre as identidades culturais: i) ou as identidades nacionais se desintegram, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global; ii) ou as identidades nacionais e outras identidades locais serão reforçadas pela resistência à globalização; iii) ou, por último, novas identidades tomarão o lugar das identidades nacionais em declínio.

De acordo com alguns teóricos, o efeito geral dos processos globais tem sido o de enfraquecer as formas nacionais de identidade cultural. Enquanto por um lado as identidades nacionais permanecem fortes em relação aos direitos legais e à cidadania, por outro, as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes, e as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais. Com a presente infiltração cultural, em que culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas (Hall, 1999 [1992]).

Nesse mercado global onde “importam-se” e “exportam-se” culturas e saberes, constata-se um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições-de-identidades, levando, portanto, à produção de novas identidades. Por outro lado, a infiltração de novas culturas em uma determinada nação acaba promovendo o fortalecimento de identidades locais como reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. Todavia, não há como negligenciar a presença de um hibridismo identitário, fruto de um hibridismo cultural, na contemporaneidade.

3. Identidade x Estigma

Os gregos criaram o termo ‘estigma’ para se referirem aos sinais corporais, feitos por meio de cortes ou fogo, que estavam relacionados a atributos negativos do status moral de uma pessoa,

indicando que aquele que portava tais sinais era escravo, criminoso ou traidor. Atualmente, o termo também é utilizado para se referir a atributos negativos, porém seu uso não se restringe a uma relação com status moral, tampouco se aplica apenas a evidências corporais. De acordo com Goffman (1988 [1963], p.12), “enquanto um estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável”, diante disso, “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma”. Portanto, como o próprio autor considera, o termo ‘estigma’ é usado em referência a atributos depreciativos.

Na vida cotidiana, as pessoas podem até possuir estigmas, mas isso não implica considerar que elas apresentam (no sentido de possuir/ter) a identidade de estigmatizado. Isso pode ser mais bem entendido ao compararmos as perspectivas essencialista e construcionista de identidade.

Se nos alinharmos com uma perspectiva essencialista, a partir da qual a identidade é pensada como tendo uma existência psicológica real, correspondendo a um aspecto relativamente estável do *self*, estaremos assumindo que uma pessoa portadora de um estigma, em qualquer que seja a situação interacional, é sempre uma pessoa estigmatizada. Por outro lado, adotar uma perspectiva construcionista implica conceber identidade como algo flexível e negociável no fluxo dos eventos sociais, o que nos leva a considerar que pessoas que apresentam estigmas podem ou não projetar/assumir a identidade de estigmatizado, uma vez que tal identidade se tornará relevante por contingências da interação. Diante disso, nosso foco de interesse não está em investigar “que identidade as pessoas têm?”, e sim “como essas identidades são tornadas relevantes pelos participantes?”, o que vai ao encontro da concepção da flexibilidade e da pluralidade das identidades de estudiosos contemporâneos como Bauman e Hall.

A identidade de estigmatizado concebida como interacionalmente contingente pode ser transportável ou “revelável”. De acordo com Zimmerman (1998, p. 90-91), as identidades transportáveis (IT) são “identidades latentes que acompanham os indivíduos quando estes se movimentam em suas rotinas diárias, sendo usualmente visíveis na base de marcas físicas ou culturais que fornecem a base intersubjetiva para sua categorização”. Contudo, na perspectiva aqui assumida, esse tipo de identidade torna-se objeto de estudo apenas quando os participantes sinalizam sua relevância para a interação em curso, o que o afasta de uma natureza essencialista e o aproxima de uma natureza construcionista. Podemos pensar, aqui, em estigmas físicos ou, nas

palavras de Goffman, abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Esse tipo de estigma consiste em marcas físicas que tornam a identidade de estigmatizado visível e, por conseguinte, transportável, porém, relevante apenas em determinadas situações.

Como mencionado acima, a identidade de estigmatizado também pode ser tratada como “revelável”, em outras palavras, como identidades sociais reveladas por exibição das formas de agir, sentir e pensar dos participantes. Nesse sentido, as identidades sociais são construídas pelo desempenho de tipos particulares de atos (qualquer comportamento socialmente reconhecido e direcionado a uma meta) e posturas (uma demonstração de um ponto de vista ou atitude socialmente reconhecidos) (Ochs, 1993).

A identidade de estigmatizado também pode ser revelada por meios discursivos, seja pelo conteúdo do discurso (revela formas de pensar, crenças, opiniões), ou por sua forma/estruturação (pode revelar, por exemplo, uma classe social inferior e patologias da linguagem como as afasias, que podem repercutir na estruturação gramatical do discurso). Nesse caso, podemos pensar em estigmas “ocultos até que sejam revelados”, nos quais se encaixam aqueles classificados, por Goffman, como culpas de caráter individual e estigmas tribais de raça, nação e religião.

Em qualquer tipo de estigma (físico ou não), segundo Goffman (1988 [1963], p. 14),

encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.

Conforme o próprio autor destaca, uma pessoa que possui um estigma apresenta, além deste, outros atributos que acabam sendo negligenciados por aqueles que se consideram “normais” (nos termos de Goffman). As atitudes de pessoas “normais” para com pessoas com estigmas (eg. discriminações) nos leva a pensar que a sociedade considera que estas últimas não sejam completamente humanas. Diante disso, não há como discordar de Goffman (1988 [1963], p. 15), quando ele assume que “tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original”. Uma vez que subestimamos os outros atributos de pessoas com estigma (por negligenciá-los) e superestimamos seu estigma (ao não considerá-las completamente humanas), elas, como agentes interacionais que são, costumam tentar reverter essa situação.

Em um artigo sobre estigma, intitulado *Positive Stigma: Examining Resilience and Empowerment in Overcoming Stigma*, Margaret Shih (2004) apresenta-nos três processos psicológicos que pessoas com estigmas adotam para superar os efeitos negativos do estigma: compensação, interpretações estratégicas do meio ambiente social e enfoque nas múltiplas identidades. Este último consiste em uma possível “solução” para o problema acima destacado: a negligência dos outros atributos da pessoa estigmatizada por parte de pessoas que se consideram “normais”.

Podemos assumir que esses processos psicológicos nada mais são que estratégias para lidar com a estigmatização. O processo de compensação, de acordo com Shih (2004), abarca, portanto, diferentes estratégias: i) ser mais persistente e autoconfiante; ii) ser mais amável; iii) prestar mais atenção em como eles se apresentam; iv) refinar suas habilidades de interação social (eg. monitorar suas interações mais atentamente); v) desconfirmar estereótipos; e vi) desvalorizar as dimensões sob as quais estão em desvantagem e valorizar aquelas sob as quais não estão em desvantagem.

Em relação ao processo psicológico de interpretações estratégicas do meio ambiente social, Shih (2004) argumenta, com base em uma pesquisa que Crocker e Major desenvolveram em 1989, que pessoas com estigmas, ao realizarem comparações, optam por se compararem com membros de seu próprio grupo, pois em relação a tais membros existe a possibilidade de elas se sobressaírem, estando, portanto, em vantagem. Além disso, a autora destaca que pessoas com estigma podem, também, minimizar o preconceito e a discriminação para proteger sua sensação de autoestima.

Por fim, Shih (2004) trata do processo psicológico de enfoque das múltiplas identidades, alegando que pessoas com estigma podem projetar identidades alternativas à identidade de estigmatizado, visto que no mundo real existem múltiplas identidades disponíveis à negociação. Dessa forma, a autora argumenta que assim como a pessoa com estigma pode ser definida pela identidade de estigmatizado, ela também pode ser definida por um leque de identidades.

Diante de todos esses processos psicológicos utilizados por pessoas com estigma para superarem seus efeitos negativos, não há como discordar de Shih (2004, p. 179) quando a autora assume que “desde que estigmas são construções sociais, certas identidades podem ser estigmatizadas em um contexto social, mas não em um outro”. A autora, portanto, nos chama a atenção para o caráter construcionista da identidade, além de mostrar que o que está operando é a relevância interacional, visto que é esta que irá conferir ou não o atributo estigmatizante à identidade que está sendo projetada em uma dada situação para pessoas que apresentam estigmas.

4. Do macro ao micro: desconstruindo identidades estigmatizantes em um contexto interacional

Se refletirmos um pouco mais acerca dos processos apresentados por Shih, iremos perceber que todos, sem exceção, encontram-se envolvidos, de alguma forma, em um processo que podemos chamar de “desconstrução da identidade de estigmatizado”. Refiro-me à desconstrução para tratar daquilo que está acontecendo em uma situação interacional de negociação de identidades quando uma pessoa projeta (eg. pessoa “normal”) uma identidade (eg. identidade de estigmatizado) para outra pessoa (eg. pessoa com estigma), e esta, ao invés de ratificar tal identidade, projeta (para si) uma outra identidade (eg. identidade de estudioso) que é aceita por aquela pessoa que havia projetado a primeira identidade (no caso, a identidade de estigmatizado). Logo, houve desconstrução da identidade de estigmatizado por meio do abandono de tal identidade e negociação, que culminou em uma confirmação, de outra identidade (no caso, a identidade de estudante). Os processos psicológicos, então, principalmente o processo de enfoque em múltiplas identidades, trariam para a cena outras identidades, uma vez que envolveriam atitudes, da parte de pessoas com estigma, que reivindicariam uma nova negociação, sobretudo uma identidade diferente da identidade de estigmatizado.

A desconstrução da identidade de estigmatizado foi uma ocorrência encontrada em minha pesquisa de mestrado, intitulada *A co-construção de identidades em interações face a face entre pessoas com e sem afasia de expressão*, desenvolvida na Universidade Federal de Juiz de Fora no período de 2006 a 2008. Um trecho que ilustra tal processo foi extraído do *corpus* de minha pesquisa, composto por gravações em vídeo, o qual foi brevemente analisado abaixo, a fim de tornar claro que, embora os estigmas sejam construções sociais, suas relevâncias são interacionais. Laura, a participante cujo discurso será analisado, sofreu um Acidente Vascular Cerebral, o que levou a um comprometimento de sua capacidade de expressão verbal. Desde a alta hospitalar, ela está se submetendo à terapia fonoaudiológica com o propósito de reconstrução da linguagem. Na conversa abaixo, ela fala sobre a evolução da terapia.

01 Lúvia: e você Lau↑ra, conta pra gente da sua melhora↓,

- 02 que você está: ... que você está percebendo que
03 está ten:do(.) da sua fala↓
04 Laura: a:: eu leio bem↓ (.) agora é:: eu a:: ...
05 leitura(.)tamém (.) escrita (.) eu não
06 <completava> as frases (.) agora completo.
07 às vezes (.) uma coisa (.) esqueço.
08 Lívia: mas você comple:ta [na escrita, e na fa:[la? =
09 Laura: [hunrum [hunrum
10 Lívia: você está percebendo i::[sso?
11 Laura: [hunrum hunrum e:::
12 muitas pessoas acompanham e >falam assim oh<
13 Laura é:: melhorou pá caramba↓ (pausa) minhas
14 colegas (.) meus vizinhos (.) meus irmãos.
15 ... meus irmãos ... é:: ... vejo domingo
16 somente, né? meus irmão. meus irmão falou que::
17 você: (.) melhorou pá caramba. eu completo as
18 frases. hoje↓ não completava antes. por exemplo
19 (.) >eu vou ao banheiro<. eu >completava não< ,
20 era assim, banheiro, somente, né↑ eu vou
21 almoçar. almoçar só. eu acho melhorou pá
22 caramba↓ eu reconheço isso, né? é:: a Maria ,
23 cuidou mim↓ a Sabara↓ e:: eu pa::go, (.) por
24 fo::ra (.) a Manoela, toda:: segunda-feira↓
25 Lívia: você correu atrás pra melhorar (.) ne↑=
26 Laura: =hanram. eu escrevo mui::to↓ eu leio mui::to, o
27 Jornal. eu não esquentava↑ de ler↓ nunca
28 esquentei. ago::ra, AVC, né? eu preciso melhorar
29 e:: (.) voltar o normal. eu- assim que:: voltar
30 o norma:l (.) não voltar o normal (.) cem por
31 cento não↓ noven::ta e cinco, eu a::cho, eu vou

- 32 conseguir. (.) né↑
33 Lívia: ((movimenta a cabeça para cima e para baixo))

Lívia, nas linhas 01-03, ao pedir para Laura falar sobre sua melhora (“e você Lau↑ra, conta pra gente da sua melhora↓, que você está: ... que você está percebendo que está ten:do(.) da sua fala↓”), está, na verdade, pedindo que faça uma autoavaliação em relação à sua capacidade de expressão verbal, projetando para Laura, portanto, a **identidade de avaliador**. Podemos, com isso, perceber que Lívia considera que Laura tenha competência para realizar essa autoavaliação, uma vez que ser avaliador demanda competência para realizar avaliações. Laura, por sua vez, nas linhas 04 a 07, realiza uma avaliação de sua capacidade de leitura e escrita (“a::: eu leio bem↓ (.) agora é:: eu a::: ... leitura(.)tamém (.) escrita (.) eu não <completava> as frases (.) agora completo. às vezes (.) uma coisa (.) esqueço.”), avaliando, portanto, sua linguagem escrita. Mesmo que Lívia tenha solicitado a autoavaliação da linguagem verbal e Laura tenha avaliado a linguagem escrita, o fato de Laura realizar a ação projetada por Lívia – a avaliação – sinaliza que ela ratificou a **identidade de avaliador**. Todavia, essa identidade não parece ser fortemente sustentada nos turnos seguintes.

No turno da linha 08, Lívia pergunta à Laura “mas você comple:ta [na escrita, e na fa:la?”, e esta responde “hunrum hunrum” no turno seguinte. No turno da linha 10, Lívia realiza uma outra pergunta: “você está percebendo i::[sso?”. A resposta de Laura a essa nova pergunta (mais precisamente da linha 11 à 24) sinaliza que ela busca sustentação para sua avaliação nas palavras dos outros, ou seja, ela sustenta sua opinião em relação à melhora de sua capacidade de expressão verbal com a avaliação dos outros sobre sua capacidade. Nesse momento, podemos considerar que Laura não está sustentando a **identidade de avaliador**, mas que, ao invés, está projetando tal identidade para as pessoas de seu convívio. Essa atitude de Laura reflete uma certa insegurança de sua parte para se autoavaliar; insegurança essa que, aos olhos do outro, parece falta de segurança em sua própria opinião, fazendo emergir a **identidade de inseguro**, ou até mesmo a **identidade de incapaz/incompetente**, uma vez que ela própria demonstrou precisar do outro, da palavra do outro, para sustentar sua opinião/avaliação, como podemos ver no seguinte segmento: “muitas pessoas acompanham e >falam assim oh< Laura é::: melhorou pá caramba↓” (linhas 12-13).

A partir da linha 17 até a linha 24, a resposta de Laura consiste em uma busca de argumentos para sustentar a avaliação que ela e as pessoas de sua convivência fizeram da sua

melhora quanto à capacidade de expressão verbal (“eu completo as frases. hoje↓ não completava antes. por exemplo(.) >eu vou ao banheiro<. eu >completava não< , era assim, banheiro, somente, né↑ eu vou almoçar. almoçar só.”). Torna-se relevante destacar neste trecho da resposta de Laura que, embora ela tenha mencionado argumentos de sua própria elaboração, ou seja, argumentos relacionados à sua própria experiência, ela, no final da resposta, ao proferir “eu acho melhorou pá caramba↓ eu reconheço isso, né? é::: a Maria , cuidou mim↓ a Sabara↓ e:: eu pa::go, (.) por fo::ra (.) a Manoela, toda:: segunda-feira↓”, está, por um lado, assumindo uma postura passiva no processo terapêutico e, por outro, atribuindo toda a agência e responsabilidade pelo sucesso de seu processo de reabilitação às fonoaudiólogas Maria, Samara e Manoela.

Essa distribuição de agência realizada por Laura a coloca na **identidade de passiva** que vai ao encontro da **identidade de paciente** e da **identidade de doente** projetada pela sociedade para pessoas que apresentam alguma patologia. Podemos, então, assumir que Laura ratifica essas identidades por meio de seu discurso. Essa postura de Laura, retomada em seu discurso, demonstra que ela não assume a responsabilidade por sua melhora, atribuindo tal responsabilidade às fonoaudiólogas. Desse modo, vemos refletida na postura de Laura que o atributo da capacidade não é um atributo que ela considera compartilhar com as fonoaudiólogas, uma vez que demonstrou considerar que as fonoaudiólogas têm capacidade de agir de modo a proporcionar a reabilitação, e que ela é passiva nesse processo.

Embora Laura sustente a **identidade de incapaz/incapaz/ineficiente**, Lívia, na linha 25, divide a responsabilidade pela melhora com Laura ao proferir “você correu atrás pra melhorar (.) ne↑”, projetando-a nas **identidades de capaz/competente e ativa**. Na linha 26, a postura ativa de Laura revelada por seu discurso (“hanram. eu escrevo mui::to↓ eu leio mui::to,”) demonstra que ela ratifica a “capacidade para contribuir com sua melhora” como seu atributo. Dessa forma, podemos considerar que ela passa a assumir as identidades projetadas para ela por Lívia. Podemos, então, perceber que ao longo do segmento de conversa apresentado, Laura projetava para si identidades ratificadas por atributos de valor negativo (insegurança, incapacidade, passividade, doença), que foram abandonadas no final da conversa, quando Laura passa a assumir identidades cujos atributos ratificadores têm valor positivo (capacidade, atividade). Isso nos leva a considerar que identidades de valor negativo foram desconstruídas em prol de identidades de valor positivo.

Todavia, tal desconstrução implicou todo um processo de negociação entre Lívia e Laura, que partiu do “decreto social” de que pessoas com afasia são pessoas que carregam estigmas e o

atributo da incompetência e demais atributos de valor negativo. Essa visão leiga do afásico como incompetente tem repercussão nas próprias pessoas que apresentam afasia, como pudemos observar nas posturas assumidas por Laura, que demonstrava se sentir insegura, incapaz, etc.

Enfim, Laura revelou em seu discurso que se considera uma pessoa estigmatizada em razão da patologia que apresenta, e as identidades de valor negativo por ela projetadas não consistem em nada além da própria identidade de estigmatizado, porém, no curso da interação, identidades de valor positivo foram negociadas de modo que, ao final da conversa, foram assumidas por Laura, ao passo que as identidades de valor negativo foram abandonadas.

De acordo com Goffman (1988 [1963]), pessoas com estigma podem ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as situações sociais; todavia, considerando-se a perspectiva que assumo neste artigo, elas podem desempenhar tal papel apenas quando a interação o tornar relevante, demonstrando que, como o autor bem coloca, o que “está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos” (1988 [1963], p. 149).

5. Considerações Finais

A construção da identidade de estigmatizado consiste em uma construção social, uma vez que a sociedade projeta essa identidade para as pessoas que apresentam algum atributo depreciativo, e essas pessoas, conseqüentemente, acabam assumindo essa identidade, o que é revelado em seus discursos e na forma como elas se posicionam diante da sociedade. No caso de pessoas com afasia, o esboço dessa construção se inicia quando o acometimento por um dano cerebral (Acidente Vascular Cerebral – AVC -, tumor, traumatismo cranioencefálico e outros) traz para a vivência dessas pessoas a identidade de paciente. Esta é co-construída em oposição às identidades, tais como: médico, enfermeiro, terapeutas em geral, que têm como atributo principal um tipo de saber que posiciona os pacientes de forma desigual, numa relação assimétrica de inferioridade e, por vezes, de incapacidade.

A diferença do outro, seja física, mental, social, de raça, religião, saber, etc., é classificada como indesejável pelo grupo social, tornando-se um estigma para aqueles que a apresentam. Portanto, o estigma é uma marca negativa que o indivíduo carrega e que o diferencia dos outros, funcionando como um atributo ratificador da identidade de estigmatizado. Portanto, se essa marca está relacionada a atributos sociais e morais negativos, como incapaz, improdutivo, entre outros, o

indivíduo pode ter sua identidade construída como uma extensão dos atributos da marca que carrega.

O indivíduo estigmatizado apresenta diferentes comportamentos sociais, conforme sua relação com seu estigma e com os “normais”, assim como o indivíduo “normal” apresenta diferenças de comportamento conforme sua relação com o estigma e com a pessoa estigmatizada. Se os atributos do estigma irão ou não se tornar relevantes, dependerá das contingências da interação. Dessa forma, podemos pensar que a desconstrução da identidade de estigmatizado se estabelece quando os participantes “normais” de uma interação não classificam a diferença apresentada pela pessoa estigmatizada como negativa, o que faz com que esta, por sua vez, deixe de projetar tal identidade ao deixar de lidar com o diferencial que apresenta em suas construções discursivas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Identidade – Entrevista a Denedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor Ltda., 2005. 110p.

GOFFMAN, E. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. 158p.

HALL, S. *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*. 1. ed. California: SAGE Publications, 1997. 400p.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1999. 102p.

OCHS, Elinor. Constructiong Social Identity: A language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*, Loughborough, v. 26, n. 3, p. 287-306, 1993.

SHIH, Margaret. Positive Stigma: Examining Resilience and Empowerment in Overcoming Stigma. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 591, n. 1, p. 175-185, janeiro. 2004.

ZIMMERMAN, D. H. Identity, Context and Interaction, In.: ANTAKI, C.; WIDDICOMBE, S. (Ed.). *Identities in talk*. London: SAGE, 1998. p. 191-217.

Anexo

Convenções de Transcrição

Gail Jefferson, 2002

[colchetes]	fala sobreposta.
(0.5)	pausa em décimos de segundo.
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo.
=	contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos.
.	descida de entonação.
?	subida de entonação.
,	entonação contínua.
? ,	subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação.
:	alongamento de som.
-	autointerrupção.
<u>sublinhado</u>	acento ou ênfase de volume.
MAIUSCULA	ênfase acentuada.
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal.
°palavras°	trecho falado mais baixo.
palavra:	descida entoacional inflexionada.
palavra;	subida entoacional inflexionada.
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados.
↓	descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado.
>palavras<	fala comprimida ou acelerada.
<palavras>	desaceleração da fala.
<palavras	início acelerado.
hhh	aspirações audíveis.
(h)	aspirações durante a fala.
.hhh	inspiração audível.
(())	comentários do analista.
(palavras)	transcrição duvidosa.
()	transcrição impossível.